

Flexibilização Curricular Inclusiva no Ensino médio Técnico Profissional do IFRS

Inclusive Curricular Flexibility in Technical Vocational High School Education at IFRS

Flexibilización Curricular Inclusiva en la Educación Media Técnica Profesional del IFRS

Giselia Pereira Ferreira¹

<https://doi.org/10.70678/sala8.v1i12.1921>

Relato de experiência

Linha de pesquisa: Prática Pedagógica, Currículo e Formação de Professores

Resumo

Este relato apresenta a experiência de flexibilização curricular inclusiva no IFRS – Campus Vacaria, diante do ingresso de estudantes com deficiência em processo de alfabetização no Curso Técnico em Agropecuária Integrada. A proposta fundamenta-se na educação inclusiva, priorizando a reorganização do currículo, metodologias e avaliações para garantir acessibilidade pedagógica. Destaca-se a atuação do NAPNE na construção dos Planos Educacionais Individuais (PEIs) e na reconfiguração curricular interdisciplinar. A flexibilização foi compreendida como reorganização didático-metodológica, e não como redução de conteúdos. Os resultados evidenciam maior engajamento dos estudantes, fortalecimento da prática docente e participação das famílias. Observou-se impacto positivo em toda a turma, com ampliação das estratégias pedagógicas. Conclui-se que a inclusão promove transformações que vão além do aprendizado individual, contribuindo para mudanças na cultura institucional.

Palavras-chave: educação inclusiva. flexibilização curricular. plano educacional individualizado (PEI). interdisciplinaridade.

Abstract

This report presents the experience of inclusive curricular flexibility at IFRS – Campus Vacaria, in response to the enrollment of students with disabilities who are still in the literacy process in the Integrated Technical Course in Agriculture. The proposal is grounded in inclusive education, prioritizing the reorganization of curriculum, methodologies, and assessments to ensure pedagogical accessibility. The role of NAPNE in developing Individualized Educational Plans (IEPs) and in interdisciplinary curricular reconfiguration is highlighted. Flexibility was understood as a didactic-methodological reorganization rather than a reduction of content. The results show increased student engagement, strengthening of teaching practices, and family participation. Positive impacts were observed across the entire class, with the expansion of pedagogical strategies. It is concluded that inclusion promotes transformations beyond

¹ Graduada em Licenciatura Letras/Libras | Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Orientação Educacional | Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia UCS | atualmente Coordenadora Napne – IFRS Campus Vacaria | E-mail: giselia.ferreira@vacaria.ifrs.edu.br

individual learning, contributing to changes in institutional culture and reaffirming the commitment to equitable and humanizing education.

Keywords: inclusive education. curricular flexibility. individualized educational plan (IEP). Interdisciplinarity.

Resumen

Este informe presenta la experiencia de flexibilización curricular inclusiva en el IFRS – Campus Vacaria, ante el ingreso de estudiantes con discapacidad en proceso de alfabetización en el Curso Técnico Integrado en Agropecuaria. La propuesta se fundamenta en la educación inclusiva, priorizando la reorganización del currículo, las metodologías y las evaluaciones para garantizar la accesibilidad pedagógica. Se destaca la actuación del NAPNE en la elaboración de los Planes Educativos Individualizados (PEI) y en la reconfiguración curricular interdisciplinaria. La flexibilización fue comprendida como una reorganización didáctico-metodológica, y no como una reducción de contenidos. Los resultados evidencian mayor participación estudiantil, fortalecimiento de la práctica docente y participación de las familias. Se observaron impactos positivos en todo el grupo, con la ampliación de estrategias pedagógicas. Se concluye que la inclusión promueve transformaciones más allá del aprendizaje individual, contribuyendo a cambios en la cultura institucional y reafirmando el compromiso con una educación equitativa y humanizadora.

Palabras clave: educación inclusiva. flexibilización curricular. plan educativo individualizado (PEI). interdisciplinarietà.

1 Introdução

A educação inclusiva, nas últimas décadas, consolidou-se como um dos maiores desafios e também uma das maiores conquistas no campo educacional. O princípio de que todos os estudantes têm direito a uma educação de qualidade, independentemente de suas condições físicas, intelectuais ou emocionais, constitui hoje um eixo estruturante das políticas públicas e das práticas pedagógicas. No entanto, a efetivação desse princípio exige mudanças profundas nos currículos, nas metodologias e nas concepções de ensino.

No Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Vacaria, essa necessidade se apresentou de forma concreta e urgente no ingresso de estudantes com deficiência ainda em processo de alfabetização no Curso técnico Profissional em Agropecuária Integrada. O presente capítulo discute a experiência da flexibilização curricular inclusiva desenvolvida para essas duas estudantes, trazendo reflexões sobre os fundamentos teóricos, as propostas metodológicas e os resultados preliminares obtidos.

Meu objetivo é compartilhar não apenas os caminhos percorridos, mas também os aprendizados, os obstáculos e as possibilidades que emergem desse processo,

contribuindo para o debate acadêmico e para a construção de práticas pedagógicas mais equitativas.

2 Fundamentação teórica

O conceito de educação inclusiva surge do reconhecimento de que a escola deve acolher a diversidade humana em sua totalidade. Inicialmente, a educação de pessoas com deficiência no Brasil era marcada pela segregação em instituições especializadas. A partir da década de 1990, com marcos como a Declaração de Salamanca (1994), consolidou-se a perspectiva de que a escola comum é o espaço legítimo de todos os estudantes.

A educação especial, portanto, não se resume à matrícula ou à permanência física dos estudantes com deficiência. Ela implica repensar as práticas pedagógicas, o currículo e a própria organização escolar, de modo a garantir acessibilidade pedagógica, isto é, a possibilidade real de acesso, participação e aprendizagem significativa.

No entanto, implementar a inclusão no ensino médio técnico profissional traz desafios específicos. Além da complexidade dos conteúdos técnicos, há a necessidade de conciliar a formação para o trabalho com o respeito às singularidades de cada estudante. Nesse contexto, a formação docente e a flexibilização curricular, aliadas ao uso de tecnologias assistivas, tornam-se dimensões fundamentais.

“A personalização do ensino, por meio de ajustes no conteúdo, nos métodos de ensino e nas estratégias de avaliação, é essencial para atender às diversas necessidades dos estudantes com deficiência. A inclusão efetiva requer não apenas a presença física desses alunos na sala de aula, mas também a participação ativa e o sucesso acadêmico, que só podem ser alcançados através de currículos adaptados às suas capacidades e interesses específicos” (GUIMARÃES, 2018).

Flexibilizações Curriculares e PEIs: interfaces e implicações pedagógicas

O termo “flexível” indica oposição ao que é duro, fixo, fechado. Assim, no contexto educacional, flexibilizar significa garantir o direito à diferença no currículo. Traduz-se na busca pela coesão da base curricular comum com a realidade dos estudantes, suas características sociais, culturais e individuais, reconhecendo os diferentes modos de

aprender e as múltiplas inteligências presentes em sala de aula. Dessa maneira, os estudantes tornam-se protagonistas em seu próprio processo educacional.

Um dos pilares da inclusão escolar é a adaptação curricular. Mais do que simplificar conteúdos, trata-se de reorganizar objetivos, metodologias e formas de avaliação, respeitando os ritmos e as potencialidades dos estudantes. No IFRS – Campus Vacaria, a experiência com os **Planos Educacionais Individuais (PEI)** revelou tanto potencialidades quanto fragilidades. Por um lado, o PEI permite sistematizar metas personalizadas e orientar a prática docente. Por outro, sua eficácia depende fortemente da articulação entre docentes, equipe intersetorial e família.

Observamos, por exemplo, que a elaboração inicial do PEI de uma estudante com deficiência intelectual não foi satisfatório em sua aprendizagem. Os objetivos eram pouco claros, as estratégias pouco diferenciadas e as avaliações não refletiam suas conquistas. A partir dessa constatação, surgiu a necessidade de repensar o currículo de forma mais ampla, indo além da simples adaptação individualizada e propondo mudanças estruturais que beneficiassem todos os estudantes.

3 Metodologia

NAPNE é o (Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas) atualmente atende cerca de 30 estudantes com NEE (necessidade educacional específica). O núcleo oferece suporte educacional, flexibilização curricular, acompanhamento individualizado, formação docente e apoio às famílias, promovendo inclusão, autonomia e participação plena nas atividades acadêmicas.

Nossa caminhada com as estudantes começou com uma avaliação diagnóstica, pensada para identificar não apenas as dificuldades cognitivas, mas também as habilidades e competências que cada uma trazia em seu processo de aprendizagem. Esse momento foi fundamental, pois como orienta a legislação, a avaliação deve revelar as reais necessidades de apoio do estudante, possibilitando definir a intensidade, a duração e a especificidade das adequações necessárias.

A partir desse diagnóstico, o **NAPNE**, em parceria com o corpo docente, passou a discutir estratégias para a elaboração dos planos de ensino individualizados. O foco sempre esteve na interdisciplinaridade, tanto entre os componentes curriculares quanto

entre os núcleos do campus, priorizando atividades diversificadas e intervenções adequadas a cada estudante. Nesse processo, aprendemos que a inclusão é uma via de mão dupla: enquanto buscamos ensinar, também somos constantemente ensinados.

Sabíamos que não seria possível avançar sozinhos, por isso, envolvemos a família, a escola de origem e o setor pedagógico do campus, construímos juntos uma nova configuração curricular, mais condizente com as particularidades e potencialidades das duas estudantes.

Como essa experiência era inédita para nós, buscamos apoio na trajetória já consolidada do NAPNE do Campus Ibirubá-RS que fizeram uma formação para os docentes sobre a elaboração do PEI. O encontro com esses colegas foi extremamente enriquecedor, compartilharam suas experiências, e nos trouxeram estratégias e metodologias diferenciadas.

Assim, demos início à construção dos PEIs. Sempre reforçamos que nosso olhar deveria estar voltado para as potencialidades das estudantes. As dificuldades já eram conhecidas; o grande desafio era valorizar aquilo que cada uma tinha de melhor e poderia desenvolver.

Entre os docentes, muitas dúvidas de: *como apresentar os conteúdos curriculares de forma que fizessem sentido? Quais recursos utilizar? Como avaliar se realmente houve aprendizagem?* Essas eram questões recorrentes. Porém, à medida que os PEIs foram sendo elaborados e aplicados, muitos receios se dissiparam. Descobrimos que, na maior parte das vezes, as adaptações não exigiam grandes mudanças, mas sim estratégias simples, como reformular uma ementa de modo mais acessível ou aproximar a prática pedagógica das vivências das estudantes.

Essa experiência nos ensinou uma lição valiosa: aprendemos apenas aquilo que faz sentido para nós. Quando os conteúdos passaram a dialogar diretamente com a realidade das estudantes, a aprendizagem tornou-se qualitativa. E, nesse movimento, os próprios docentes sentiram-se mais confiantes e motivados, ressignificando sua prática pedagógica.

Caminhos da Inclusão: a construção de um currículo flexível no Curso de Agropecuária Integrada

Essa mudança curricular ganha ainda mais relevância quando analisada sob a perspectiva da Educação Especial Inclusiva, pois a integração entre as disciplinas potencializa o processo de aprendizagem dos estudantes NEE. O ensino fragmentado, comum em currículos tradicionais, muitas vezes dificulta a compreensão para esses estudantes, já que os conteúdos aparecem de forma isolada, sem relação prática com o cotidiano.

Um exemplo, quando a Matemática e Física são trabalhadas em conjunto, cria-se um elo essencial para o entendimento de conceitos básicos. Se a estudante ainda não domina plenamente as quatro operações matemáticas, terá dificuldades para compreender cálculos de distância ou velocidade em Física. No entanto, ao articular as duas áreas em uma sequência lógica e integrada de conhecimentos, o aprendizado torna-se mais acessível, pois um conceito sustenta e reforça o outro. O mesmo ocorre nas Humanidades a articulação entre Geografia, História, Filosofia e Sociologia amplia a visão crítica do mundo e possibilita conexões mais concretas entre os fatos históricos, os contextos sociais e as reflexões filosóficas.

Sob o enfoque inclusivo, essa forma de organização curricular respeita o ritmo, as dificuldades e as potencialidades destes estudantes, permitindo que ele construa sentidos e significados a partir de relações mais claras entre os conteúdos. Trata-se de uma estratégia pedagógica que valoriza a aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2003), na medida em que conecta novos conhecimentos a estruturas cognitivas já existentes, reduzindo barreiras e favorecendo a participação plena. Além disso, dialoga com a perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (1991), ao reconhecer que o aprendizado se fortalece por meio das interações e da mediação entre pares e docentes, possibilitando que o estudante avance dentro de sua zona de desenvolvimento proximal.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade não é apenas um recurso didático, mas uma prática inclusiva, coerente com as orientações da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que assegura o direito de todos à aprendizagem em condições de equidade.

É fundamental esclarecer que a reconfiguração curricular não implica a redução ou simplificação dos conteúdos destinados aos estudantes NEE. O que se propõe é uma reorganização didático-pedagógica que reconheça a heterogeneidade dos perfis

cognitivos e explore, de forma intencional, os mecanismos neurobiológicos que sustentam a aprendizagem.

Do ponto de vista da neurociência cognitiva, a aprendizagem está diretamente relacionada à neuroplasticidade, ou seja, à capacidade do sistema nervoso central de modificar suas conexões sinápticas em resposta a estímulos ambientais e experiências educacionais (KOLB; WHISHAW, 2009). Nesse contexto, ainda que um estudante NEE apresente desempenho cognitivo semelhante ao de um estudante da educação básica, é possível ampliar sua competência intelectual mediante estímulos dirigidos que ativem processos como memória de trabalho, atenção sustentada, funções executivas e autorregulação emocional, elementos indispensáveis para o processamento e consolidação de novos conhecimentos (DIAMOND, 2013).

Essa estratégia potencializa a formação de novas redes neurais, pois integra o que já é conhecido a estímulos inéditos, favorecendo a generalização de conceitos e a aplicação prática dos conteúdos.

No caso do ensino médio técnico, esse processo é ainda mais relevante, uma vez que os conteúdos exigem raciocínios de ordem abstrata. Por exemplo, a ausência de domínio pleno das quatro operações matemáticas compromete a compreensão de fórmulas físicas. Quando trabalhadas de forma integrada, no entanto, Matemática e Física ativam circuitos sinápticos complementares, permitindo que a estudante associe cálculo numérico à aplicação prática de fenômenos naturais, reforçando a aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2003).

Assim, a interdisciplinaridade, apoiada pela neurociência, não deve ser compreendida como adaptação redutora, mas como estratégia de equidade que cria múltiplos pontos de acesso ao currículo. Tal abordagem respeita o funcionamento cerebral singular de cada estudante NEE, estimula a plasticidade neural e assegura condições de aprendizagem compatíveis com a complexidade do nível médio técnico.

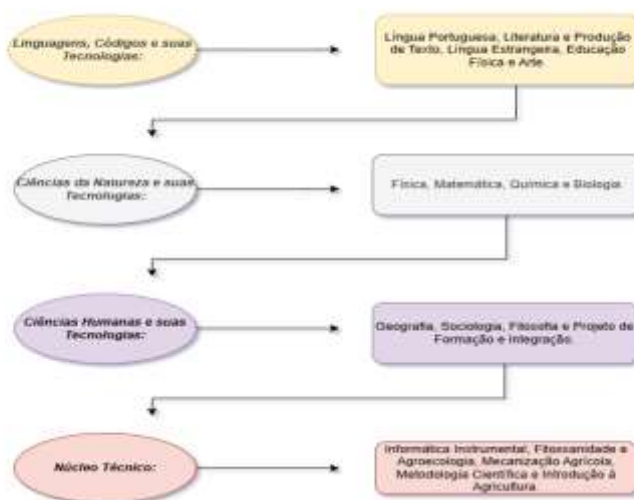
4 Análise e discussão dos dados

Ao abrir espaço para que a aprendizagem acontecesse de maneira mais qualitativa, rompeu-se com o modelo transmissivo e homogêneo, possibilitando que cada estudante acessasse o currículo a partir de suas próprias vivências. Em vez de

reduzir expectativas, as adaptações metodológicas promovem equidade educacional, garantindo que todos os estudantes aprendam os mesmos conteúdos, mas a partir de percursos diferenciados.

Figura 1 – Organização Curricular do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio agrupados por áreas de afinidade, favorecendo a interdisciplinaridade e a criação de estratégias pedagógicas integradoras.

Organização Curricular do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio



Fonte: Elaboração própria (2025)

No curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio a organização ficou assim:

- **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias:** Língua Portuguesa, Literatura e Produção de Texto, Língua Estrangeira, Educação Física e Arte;
- **Ciências da Natureza e suas Tecnologias:** Física, Matemática, Química e Biologia;
- **Ciências Humanas e suas Tecnologias:** Geografia, Sociologia, Filosofia e Projeto de Formação e Integração;
- **Núcleo Técnico:** Informática Instrumental, Fitossanidade e Agroecologia, Mecanização Agrícola, Metodologia Científica e Introdução à Agricultura.

Ao aplicarmos esse novo formato, começamos a perceber resultados animadores, entre eles o maior engajamento estudantil, vimos nossas estudantes participando mais

ativamente das aulas quando incorporamos recursos visuais e digitais. Também aprendemos que flexibilizar as avaliações não fragiliza o processo, mas o fortalece. Provas escritas foram complementadas por atividades práticas e apresentações, dando a elas a chance de mostrar seus conhecimentos de formas variadas.

Outro ponto marcante foi observar a formação docente acontecendo na prática. Em uma de nossas formações pedagógicas ao planejarem juntos o trimestre, ficou nítido que eles haviam compreendido como suas ementas conversam entre si. Aquele instante representou um verdadeiro despertar coletivo, pois o planejamento deixou de ser apenas a organização de conteúdos e se revelou como um espaço de diálogo vivo, no qual os saberes se encontraram e se aperfeiçoavam.

Os que antes demonstravam insegurança em lidar com adaptações, relatam maior confiança e sensibilidade frente as necessidades das estudantes, criaram vínculo com as mesmas. E, talvez um dos aspectos mais bonitos desse processo, foi constatar o impacto coletivo na turma, as mudanças pensadas para atender às estudantes NEE acabaram beneficiando a todos ao diversificar metodologias e tornar as aulas mais dinâmicas.

5 Considerações finais

A flexibilização curricular inclusiva no Ensino Médio Técnico Profissional do Campus Vacaria, tem nos mostrado que é possível alinhar rigor acadêmico, formação técnica e equidade educacional. Mais do que responder a demandas específicas de estudantes com deficiência, buscamos construir uma Instituição para todos, onde as diferenças não são um obstáculo, mas a oportunidade de aprendermos com elas.

Os resultados parciais revelam que a transformação não é apenas curricular, mas também cultural, com docentes mais engajados em suas práticas, estudantes mais motivados em suas aprendizagens e uma comunidade escolar mais consciente da importância da inclusão.

Naturalmente, como toda experiência inovadora, o processo exige ajustes contínuos e investimento constante em formação docente e intersetorial. Ainda assim, o caminho que já percorremos deixa claro que a educação inclusiva, quando vivida em sua essência, transforma vidas e amplia horizontes.

É claro que os desafios permanecem. Ainda precisamos de mais tempo para planejamento colaborativo e de melhores recursos tecnológicos e estruturais para sustentar certas práticas. Mas o que essa experiência tem nos mostrado é que a inclusão não é apenas possível, como transformadora quando há compromisso institucional e abertura para inovar na pedagogia.

Essas iniciativas evidenciam que a nossa missão institucional vai além da formação acadêmica, buscamos promover o desenvolvimento integral do ser humano. Nesse mesmo horizonte, reafirmamos um compromisso essencial que é formar e fortalecer vínculos com os estudantes, reconhecendo e valorizando sua trajetória educacional.

6 Referências

FURTADO, Keytt Dayane Pirovani. Formação docente para adequação curricular por meio do plano de ensino individualizado. 2022.

GARCEZ, Liliane; IKEDA, Gabriela. Educação inclusiva de Bolso: O desafio de não deixar ninguém para trás. Arco 43, 2021.

GUIMARÃES, Jucimara. Inclusão escolar e as estratégias pedagógicas para adaptação curricular: uma revisão sistemática. Revista Saberes em Foco, v. 1, n. 1, 2018.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). Informações sobre os regimentos e normativos que regem o IFRS. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/documentos/regimento-geral/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). Regimento Geral. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/documentos/regimento-geral/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). Resolução nº 13, de 12 de março de 2024. Aprova a Política de Atendimento Educacional Especializado (AEE) do IFRS. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/documentos/resolucao-no-13-de-12-de-marco-de-2024-aprova-a-politica-de-atendimento-educacional-especializado-aee-do-ifrs/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

LIMA, Franciane Silva Cruz de. A resolução de problemas como metodologia de ensino para educação inclusiva: possibilidades para formação acadêmico-profissional de professores de química e ciências. 2023.

OLIVEIRA SILVA, Cleber Nelson. Educação inclusiva. São Paulo: Editora Senac, 2019.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

AUSUBEL, D. P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

DIAMOND, A. Executive functions. Annual Review of Psychology, v. 64, p. 135-168, 2013

KOLB, B.; WHISHAW, I. Q. Fundamentals of Human Neuropsychology. 6. ed. New York: Worth Publishers, 2009.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NOTA: Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submetido em: /2026

Aceito em: /2026

Publicado em : /2026